

Amanhã, assim que fizer dia, irei visitar a tua campa, pai. Disseram-me que entre as suas fendas a erva cresce bravia e que sobre ela nunca brilham flores apanhadas de fresco. Ninguém te visita. A mamã foi-se embora para a terra e tu não tinhas amigos. Diziam que eras tão esquisito... Mas, por mim, nunca te achei nada de estranho. Pensava nessa altura que tu eras um mágico e que os mágicos eram sempre grandes solitários. Talvez por isso é que escolheste aquela casa a dois quilómetros da cidade, perdida no campo, sem qualquer vizinhança. Era grande de mais para nós, embora assim a tia Delia, tua irmã, pudesse vir de vez em quando passar uns tempos. Tu não gostavas muito dela: em compensação, eu adorava-a. Tínhamos também lugar para a Agustina, a criada, e para Josefa, que odiavas. Ainda a vejo tal como chegou à nossa casa, vestida de preto, com uma saia muito comprida, até aos tornozelos, e aquele véu negro que lhe cobria os cabelos riçados. Não era velha, mas dir-se-ia que o pretendia parecer. Tu não deste consentimento para ela viver lá em casa. A mamã disse: «É uma santa.» Mas isso a ti não te comovia, não acreditavas nessas coisas. «Está a passar por tanto sofrimento...», disse ainda. O marido, alcoólico, batia-lhe para a obrigar a prostituir-se. Nem mesmo essa desgraça conseguiu emocionar-te. Mas foi ficando, dia após dia, e tu não te atreveste a expulsá-la. E anos

mais tarde foi ela quem incitou a mamã a rasgar todas as tuas fotografias que havia em casa, a despeito de teres acabado de morrer. Mas não preciso delas para evocar a tua imagem com exactidão. E não sabes como pode ser terrível agora, no silêncio desta noite, a representação nítida de um rosto que já não existe. Parece-me que ainda te vejo animado pela vida e que ressoa o timbre da tua voz, apagada para sempre. Recordo o teu cabelo loiro e os teus olhos azuis que agora, ao trazer à memória aquele teu sorriso tão especial, me aparecem como uns olhos de criança. Em ti havia algo limpo e luminoso e, ao mesmo tempo, um traço de tristeza que com os anos se foi tornando numa profunda amargura e numa dureza implacável.

Naquele tempo eu nada sabia do teu passado. Nunca falavas de ti próprio nem dos teus. Para mim, eras um enigma, um ser especial que havia chegado de outra terra, de uma cidade de lenda que eu visitara apenas uma vez e que recordava como o cenário de um sonho. Era um lugar fantástico, onde o Sol parecia brilhar com uma luz diferente e de onde uma obscura paixão fez sair para não regressares nunca mais. Não sabes como já então compreendi bem a tua morte escolhida. É que creio que herdei de ti não só o rosto, tingido com as cores da mamã, mas também a enorme capacidade de desespero e, sobretudo, de isolamento. Ainda hoje, quanto maior for a solidão que me rodeia, melhor me sinto. E, no entanto, achei-me tão abandonada naquela noite. Nunca esquecerei a impenetrável obscuridade que envolvia a casa quando desapareceste. Eu tinha quinze anos, e olhava através dos vidros da janela. Lá fora não havia um movimento e, no meio daquela desesperadora quietude, ouvia o som da chuva e a voz de Josefa nas minhas costas, por detrás da porta entreaberta do meu quarto: «Não, Teresa, neste caso as lágrimas não levam a nada. Nosso Senhor é sempre misericordioso. Rezemos para que tenha piedade da sua alma.» A mamã nada disse, mas os seus soluços converteram-se num pranto desesperado. Não me atrevi a fazer ruído algum. Sabia que ela preferia pensar que eu estava a dormir. Passaram várias

vezes pela minha porta. Percorriam a casa de uma ponta a outra, como se esperassem encontrar nalgum lado qualquer coisa que desdissesse o que todas já sabíamos.

Fechei os postigos de madeira da janela e acendi a luz. Queria saber há quantas horas estávamos à tua espera. E então, sobre a mesa de cabeceira, encontrei o teu pêndulo, guardado na sua caixinha preta de laca. Pareceu-me que emergia dum sonho, daquele espaço mágico e sem tempo em que havia decorrido a minha infância junto a ti. Deixei-o oscilar ante os meus olhos, sem nada buscar, como se já tivesse perdido o seu sentido. Estremeci ao lembrar-me de que já existia antes de eu vir a este mundo, pois com a sua ajuda adivinharas que eu ia ser uma rapariga. Creio que naqueles anos eu adorava tudo o que vinha de ti e não apenas aquela força mágica que possuías. Não esquecerei nunca a emoção que me fazia dar pulos na estrada, ou correr ao teu encontro, quando te avistava ao longe, avançando lentamente na tua bicicleta, como um pontinho indistinto que só eu reconhecia. Vinhas de dar as tuas aulas de francês no Liceu. Era por isso que vivíamos ali. Não querias voltar para Sevilha, a tua cidade natal, nem tão-pouco para Santander, terra da mamã. Embora tudo o que ela quisesse fosse sair daquele isolamento e viver no meio dos outros, como dizia com tanta frequência. Lembro-me de que, quando abria a cancela para te ir esperar, me parecia respirar um ar mais limpo. Só a essa hora é que vocês me deixavam sair sozinha. Às vezes, enquanto te aguardava, apanhava as alfarrobas que tinham caído das árvores e comia-as. Sabiam-me muito bem e nunca as saboreei em nenhum outro sítio. Punha-me à tua espera mesmo quando chovia; mas, se estava bom tempo, montavas-me na barra da tua bicicleta e dávamos um curto passeio. Lembro aqueles encontros como os momentos mais felizes do dia. Embora também gostasse muito das aulas que a mamã me dava da parte da manhã. Ela conseguia despertar-me interesse por tudo o que me ensinava. E, sobretudo, era quando se mostrava mais amável comigo. Talvez fosse aquela a sua vo-

cação, mas, como lhe tinham anulado o diploma de professora durante a guerra, não podia exercer senão comigo. Aliás, eu tinha a impressão de que, fora daquelas horas, tudo a irritava, apesar de dedicar grande parte do tempo às actividades que mais a atraíam. Tratava do jardim, andava de bicicleta, cosia ou bordava e lia muitíssimo. Creio que uma vez tentou escrever qualquer coisa que nunca chegou a terminar. Odiava a lida da casa. Tenho muito poucas recordações da mamã durante a minha infância. É como se frequentemente ela se tivesse ausentado, trancando-se num quarto ou passeando longe da casa. Porém, quando Josefa chegou, deixava-se ver um pouco mais. Lembro-me das conversas animadas que mantinham à mesa depois das refeições, enquanto costuravam e tomavam café. Eu costumava estar presente e tinha a impressão de que elas não me viam. Naquela atmosfera que criavam flutuava uma imagem de ti muito diferente da que eu fazia por minha conta, mas que foi tomando corpo no meu interior e me magoava. Era algo de impreciso que se desprendia das suas palavras, de tudo quanto elas conheciam e eu não, daquele pai-nosso quotidiano que rezávamos sempre ao terminarmos o terço, pela salvação da tua alma. A mamã queixava-se constantemente, até a vi chorar por causa disso, da vida a que tu a obrigavas, enclausurada naquela casa tão afastada de tudo. Ao falar de ti, Josefa rematava dizendo: «Tudo o que lhe sucede é da falta de fé. Assim só pode vir a ser um desgraçado.» É que tu, entre elas, aparecias como alguém que padecia de um sofrimento sobre-humano e incompreensível. E naquela imagem de ti que, na tua ausência, elas me iam mostrando, também eu cheguei a vislumbrar uma extrema amargura. No entanto, nunca consegui perguntar-te nada sobre isso, pois com a tua presença, sempre terna e luminosa para mim, esquecia-me daquela sombra horrível que elas apontavam na tua pessoa.

De tarde, quando não estava contigo, aplicava-me, sem que o soubesses, a rondar a porta fechada do teu gabinete. Era um lugar vedado a toda a gente. Nem sequer querias que o fossem

limpar. A mamã explicava-me que aquele quarto secreto não se podia abrir, pois nele se ia acumulando a força mágica que possuías. Se alguém entrasse, poderia destruí-la. Quantas vezes me sentara eu no sofá da sala contígua e contemplara na penumbra aquela porta proibida mesmo para mim. Quase não me mexia, para que não me descobrisses. Fechava os olhos e concentrava-me para captar qualquer barulho que pudesse surgir lá de dentro, onde tu praticavas com o teu pêndulo durante horas que se me afiguravam intermináveis. O silêncio era perfeito. Nunca cheguei a ouvir nem o mais leve rumor. Às vezes aproximava-me pé ante pé e, sem tocar na porta, espreitava pelo buraco da fechadura. Ouvia então as pancadas do meu coração, mas nem a ti eu via. Uma vez perguntei à mamã se a tal força podia ser vista. Respondeu-me que tinha de ser sempre invisível porque era um mistério e, se chegasse a ver-se, deixaria de o ser. É curioso como aquilo que não era visível, aquilo que não existia na realidade, me fez viver os momentos mais intensos da minha infância. Lembro-me das horas que passávamos no jardim entregues àquele jogo que inventaste e em que somente tu e eu participávamos. Eu escondia um objecto qualquer para que o achasses com o pêndulo. Nem sabes como eu me esforçava por encontrar coisas muito pequeninas, o mais próximo do invisível que pudesse existir. Escondia uma migalha de pão sob uma pedra, ao pé de uma roseira, deixava a flutuar na água turva da fonte uma pétala de flor, ou, sem que tu visses, deitava para um sítio qualquer uma pedrita vulgar que só eu podia reconhecer. E não porque fosse minha intenção confundir-te. O que acontecia era que me maravilhava comprovar que tu acertavas sempre naquilo que a mim me parecia impossível de adivinhar. Quantas vezes caía a noite enquanto eu ia vendo como te deslocavas lentamente na direcção que o pêndulo te indicava e te aproximavas do local que eu escolhera em segredo. Eu abandonava-me então àquela serenidade e àquele silêncio perfeitos que reinavam no jardim e o convertiam, a meus olhos, num lugar de sonho.